

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS**

Bruno Andrade de Souza

**O DIÁRIO DO SAPO: UMA DERIVA CRIATIVA DE “O SEGREDO ALÉM DO
JARDIM”, DE PATRICK MCHALE.**

Florianópolis
2020

Bruno Andrade de Souza

O DIÁRIO DO SAPO: UMA DERIVA CRIATIVA DE “O SEGREDO ALÉM DO JARDIM”, DE PATRICK MCHALE.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras Português do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras Português.
Orientadora: Prof. Dra. Telma Scherer.

Florianópolis
2020

PREFÁCIO

Além do Segredo do Jardim (*Over the Garden Wall*) estreou na Cartoon Network americana como um especial de Halloween em novembro de 2014. No Brasil, em julho de 2015. Desde então, a minissérie tem sido reprisada todos os anos e continua atual, principalmente graças ao seu caráter atemporal.

O desenho é fruto de uma combinação da literatura do século XIX, música americana do século XX e folclore em geral. Embora as histórias não tenham mudado, quando pensamos em contos de fadas, Patrick McHale reinventa o modo de contar essas histórias, misturando estilos de animações diferentes, épocas diferentes e um leve toque de terror.

Uma coisa que sempre me fascinou, desde a primeira vez em que assisti a minissérie, foi o entrelugar em que ela se encontra. Entre cinema e literatura, entre contos de fada e conto de terror. Mesmo a ambientação do desenho é extremamente imprevisível, das paisagens bucólicas de uma Nova Inglaterra dos anos 50, pulando para o rio Mississippi do século XIX até o presente. Mesmo assim, a narrativa se desenrola fluidamente e assimila os grandes marcos temporais, como a mudança das estações.

As personagens também são ricas e multifacetadas: um Lenhador que mói almas para manter a chama do lampião acesa, e, conseqüentemente, a alma de sua filha. Uma passarinha que faria qualquer coisa para salvar sua família de uma maldição, inclusive entregar crianças inocentes a uma bruxa. Mesmo o antagonista, a Fera, que vence seus inimigos pelo cansaço, fazendo grandes jogos mentais, é uma personagem difícil de odiar.

No centro disso tudo, o Sapo. Uma criatura intrigante, que abre e fecha o show, cantando e tocando um piano. Só conhecemos sua voz através da música que também canta no meio da série, em um barco a motor cheio de outros sapos. Entretanto, é uma personagem importante, uma peça chave para o seguimento da história. Ainda que com poucas falas, suas expressões faciais e seus modos de agir quando as atenções estão voltadas para outros personagens, me encantaram. O sapo merecia um protagonismo a mais.

Foi aí, depois de várias ideias, que surgiu o diário do sapo: uma forma divertida de repaginar essa criatura verdinha, extrapolar essa voz e essa personalidade que estava ali, de certa forma. Só precisava trazer à tona. Foi difícil não se deixar levar, às vezes, pela sua acidez e seu sarcasmo.

Além do diário, fragmentos de uma outra viagem em que alguns convidados ilustres dão as caras e conversam comigo. Depois de tanto tempo fazendo parte da minha história, seria rude não os convidar agora, nesse momento de formação.

Este trabalho foi construído de forma que você, leitor, pudesse participar sem a obrigatoriedade de assistir a minissérie. Entretanto, se não o fez, recomendo que o faça, a fim de ter uma experiência mais rica e completa.

E agora, sem mais delongas, o diário do sapo.

*“Guiados pela névoa
sob a luz suave da lua
tudo o que foi perdido é revelado
nossos longos fardos pesados
meros ecos da Primavera
mas de onde viemos
e onde vamos parar?
se os sonhos não podem se tornar realidade
Então porque não fingir?
oh, como o vento suave
acena em meio às folhas
enquanto as cores do outono caem
dançando em um redemoinho
de memórias de ouro
as mais belas mentiras de todas
as mais belas mentiras de todas”*

INTRODUÇÃO

Hoje eu decidi começar algo diferente, e foi por isso que eu vim até aqui. Nunca é fácil revisitar certas memórias, pegar um mapa guardado no fundo da gaveta e percorrer de novo um caminho que tenha sido sofrido. No entanto, reviver momentos também tem suas vantagens e recompensas.

Entende, faz dias que não me sinto bem. O mundo todo, acho, não anda muito bem e é inevitável trazer grandes problemas para o nosso cotidiano, da mesma forma que a gente espelha pequenos problemas para o mundo. Estou trancado em casa há um tempo, esperando que as coisas voltem ao normal, e de repente eu comecei a encontrar comigo mesmo várias vezes ao dia. Comecei a lidar comigo várias vezes ao dia, e eu não sou um indivíduo muito fácil. O reflexo acaba assustando.

Sento aqui nesse divã, é isso? Vou te dizer, isso é muito clichê.

Desculpa, eu não me apresentei, mas não tenho como. Estou sem nome, por enquanto, sem nada definido. Você vai entender depois, mais tarde, quando eu te explicar tudo, claro. Por ora, talvez seja bom você saber que eu sou um sapo. Como você vê, sou verde, tenho olhos grandes, como moscas algumas vezes e gosto de pular. Mas, além de sapo, sou um indivíduo: gosto de cantar, de tocar piano, de dançar, de ler. Tenho outros vários interesses também, você vai descobrir, com o tempo. Ah, o tempo! Sempre pregando peças! Já não sou mais o girino que costumava ser, despreocupado e à toa. Hoje tenho trabalho, faculdade, relacionamentos para gerir. Línguas novas para aprender (o português foi bem difícil, diga-se de passagem), economia louca para entender e de repente, no meio do caos de tudo, a memória.

Nesse momento, agradeço muito ter sempre gostado de escrever. De tudo um pouco, de contos a poemas, mas, principalmente, diários. E é graças a esses diários que posso voltar agora, com você, para algumas memórias importantes. Você vê, estou em uma busca. Sei meu nome, sei onde vivo, sei o que eu faço. Mas é muito difícil dizer que sei quem eu sou. No meio dessa confusão de voltar para algum lugar, perseguir algumas memórias, eu lembrei do diário, guardado no fundo da gaveta.

Eu te falava do mapa, acho bom voltarmos ao mapa: um caderno amassado e molhado, em que escrevi tudo o que passei. Como em um mapa de verdade, fui marcando os lugares importantes, medindo as distâncias, anotando bons lugares para tomar um café. O ponto de partida foi o dia das bruxas, havia crianças fantasiadas para todos os lados e eu estava voltando para casa depois de uma festinha na casa de uns amigos. Passava ao lado do cemitério, mais adiante ficava a minha casa, onde eu morava ainda com meus pais. Medo? Sim, tenho vários,

mas nunca tive de cemitérios. Acho que esse é um medo estritamente humano, se me permite. Vejo que você é, não tenho problema nenhum com isso. Vários amigos meus são humanos.

Sobre o medo, sim. Tenho medo da morte, se é o que você está me perguntando, mas acho que ela tem uma cara diferente para cada um e os meus demônios são diferentes dos seus, provavelmente. Acho, inclusive, que essa é uma das coisas interessantes da história que quero contar: ela não é minha, de fato. Eu estava voltando de uma festinha, passava pelo muro do cemitério e logo ali, a poucos pulos, ficava minha casa. Mas do nada fui agarrado contra a minha vontade por dois garotos que estavam correndo de alguém, e então o apito do trem, o barranco, as estrelas, a água gelada demais e o apagão. E é assim que começa a história de como eu fui carregado para um lugar chamado “O Desconhecido”, para lidar com os demônios de dois garotos.

Apesar da aventura não ter sido exatamente sobre mim, reclamo agora o meu direito sobre ela. Afinal, eu vivi ela também. Enfrentei coisas também. E talvez, em algum momento durante, atrás de alguma árvore retorcida ou debaixo de uma pedra engraçada, eu tenha perdido alguma parte de mim.

Você poderia me ajudar a encontrar?

Sexta-feira, 31 de outubro de 2019.

“Antílope, Guggenheim, Albert, Salame, Saltiton, Risonho, Tomas, Pandeiro, Zé Pernudo, Alcachofra, Pinguim, Pete, Steve..., mas eu acho que o pior nome pro meu sapo é...”. Essa é a primeira coisa da qual me lembro. Estávamos em casa e de repente fomos parar em uma floresta meio sinistra. Era noite e havia uma névoa espessa ao nosso redor. Wirt percebeu que estávamos perdidos, depois deirmos andando de algum lugar. Esse garoto era muito esquisito e, honestamente, o que eles estavam usando? Wirt era mais alto, acho que tinha uns 14, talvez 15 anos. Vestia calça de brim e camisa branca de botões com um suspensório. Por cima, uma capa azul, também com botões, e um chapéu pontudo. O menino era meio orelhudo, com um nariz triangular e cabelo caindo disforme pela testa. Se me perguntassem, diria que são sinais de uma adolescência difícil.

Greg era mais novo, chutaria uns 6 anos. Baixinho e gordinho, com olhos grandes e curiosos. Vestia um macacão com uma camisa branca de manga comprida e uma gravata de fio. Carregava uma bolsinha atravessando o corpo, do ombro à cintura, com uma pedra engraçada (não esquece dela, é importante) e algumas balas dentro, e na cabeça uma chaleira ao contrário... pude entender que os dois eram irmãos, embora não fossem muito parecidos fisicamente.

Ok, a floresta era realmente sinistra. Tinha umas corujas esquisitas voando e piando. Troncos secos de árvores retorcidas, muitas "Maple Leafs" (aquela folha da bandeira do Canadá, sabe? Espera, estávamos no Canadá??), um breu total, muita névoa. Parecia um filme de terror. Eu estava recém voltando à consciência e minha cabeça doía bastante.

O garoto menor estava dizendo esses nomes todos como se fossem meus e quando fui responder com o meu verdadeiro nome, epa! Não lembrava. Decidi perguntar se sabiam como tínhamos ido parar naquele mato todo e segundo epa! Língua presa. Dei uma coaxada esquisita e tive um mini ataque de pânico! O que estava acontecendo?!

Ouvimos um barulho de machado enquanto Wirt entoava um triste monólogo sobre o amor (quem aguenta adolescentes?) e acabamos encontrando um lenhador cortando umas árvores sinistras e cantarolando uma musiquinha mais sinistra ainda. Enquanto os garotos estavam discutindo sobre pedir ou não ajuda, um pássaro azul apareceu e falou com os meninos. Acho que perguntou se estavam perdidos e se queriam ir para casa. Antes deles responderem, fomos abordados pelo lenhador com uma cara de pouquíssimos amigos, segurando um lampião, perguntando se estávamos perdidos, e o pássaro foi embora, assustado. O Lenhador disse que estávamos em lugar chamado “O Desconhecido”, que a mata

era perigosa e que havia uma tal de “Fera” rondando. Não foram as melhores boas-vindas do mundo, se quer saber.

O Lenhador não era muito alto, mas encorpado, imagino que por cortar lenha o dia todo. Cabelo ralo e rugas proeminentes acusando a idade. Vestia um sobretudo grande e sóbrio, e uma cartola preta do século passado (alô polícia da moda).

Nos convidou para irmos até a casa dele e fomos, enquanto Greg (que garoto estranho) fazia uma trilha de balas. A casa, assim como tudo naquele lugar, tinha um aspecto bem apavorante. Era de madeira, tinha um filete de rio passando ao lado e o homem disse que adaptou o moinho para suas “necessidades” (achei bem engraçado). Ele acendeu a lareira e pudemos nos esquentar um pouco, finalmente. Wirt e Greg ficaram discutindo algumas coisas e eu aproveitei esse momento para fugir dali. Tudo estava maluco demais para mim e quem sabe se eu voltasse de onde vim...? Mas no fim estava com fome e senti cheiro de umas moscas fresquinhas e acabei entrando sem querer em um barril, do lado de fora da casa.

Do barril, ouvi Greg me chamando de “Gatinho” e imediatamente coaxeí. Que coisa mais esquisita para um sapo inteligente como eu fazer! Mas a minha língua ainda estava presa e eu estava em dúvida se este era mesmo meu nome. Greg subiu no barril, viu o lenhador moendo uns galhos, eu acho, e acabou caindo em cima de mim. Doe pra burro!

De repente, uma criatura esquisita, parecida com um cachorro selvagem, colocou a cara dentro do barril e tinha os olhos parecidos com faróis multicoloridos. Tipo um caleidoscópio, sabe? Pesquisa aí que você vai entender. Saímos correndo enquanto ele nos perseguia para dentro da casa. O Lenhador apareceu, tentou nos salvar, mas Greg bateu na cabeça dele com uma madeira e o coitado escorregou e desmaiou. É sério, o que esse garoto tinha na cabeça? Ao menos é corajoso: deu umas pauladas - ineficazes, mas ainda assim - no bicho, me agarrou pelo braço e saiu correndo em direção ao velho moinho de grãos (se eu fizesse uma série animada dessa história, esse seria um bom nome de capítulo). Foi quando o garoto começou a jogar balas para a criatura que comeu todas, e Wirt entendeu que ele nos seguiu através da trilha de balas que o Greg tinha feito.

Conseguimos sair do moinho por um alçapão no teto, Greg jogou uma bala longe que caiu na roda d’água e a criatura foi atrás, sendo prensada pela força. Tinha um cheiro horrível de cachorro que não tomava banho há dias! No último segundo, uma tartaruga preta acabou voando pela garganta da enorme criatura e o bicho caiu na água, mas acabou destruindo todo o moinho, no processo.

No fim, nós descobrimos que a criatura era, de fato, um cachorro normal que tinha ficado daquele jeito porque tinha engolido a tartaruga preta (na dúvida, não cheguei perto de

nenhuma). O velho Lenhador acordou e deu uma bronca nos meninos. Eu provavelmente teria feito o mesmo se minha língua não estivesse presa. Tentei vários exercícios que aprendi com meus pais para isso. Talvez você não saiba, mas a língua de nós, os sapos, pode chegar a até 1 metro de comprimento, dependendo do tamanho do indivíduo. Em sapos de desenho animado, pode ser até maior! Vai depender da imaginação do desenhista. Digo isso para você entender que a língua presa é um problema muito comum para os sapos. Motivo número 1 de lotação nos postos de saúde do Brejo, e cá estava eu nessa situação deprimente.

Os garotos achavam que tinham derrotado a tal “Fera” e o Lenhador disse que não era ela e contou umas coisas bizarras sobre ela. Sobre como ela não pode ser controlada e que rouba crianças e outras loucuras. Pessoalmente, eu não queria ter este encontro, então na hora rezei para o Grande Sapo para que isso nunca acontecesse. Ou que o homem fosse só doido mesmo. O Lenhador mandou os garotos seguirem a estrada e procurarem uma cidade e ME DAREM UM BOM NOME, e eu acabei sendo carregado junto, acho que não tinha muita escolha.

Greg disse que me chamaria de Wirt, e que chamaria Wirt de “Gatinho”, e assim começou o problema com os nomes, eu acho. Acabei tendo vários nomes nessa aventura, e isso me confundiu bastante.

Primeiro Fragmento...

Mapa na mão, mochila nas costas com o necessário, começar de novo a viagem. Refaço a cena inicial, trilho o mesmo caminho na esperança de encontrar a entrada. Muro do cemitério, trilho do trem, barranco e o lago, mas não é a mesma coisa.

Sento em uma pedra com uma cara engraçada e, enquanto me pergunto o que fazer, vejo duas figuras vindo até mim. É noite, é difícil distinguir, mas fico um pouco assustado. Agarro com força o spray de pimenta que trago na mochila quando ouço uma voz conhecida dizendo para não ter medo, é um amigo.

Agora mais próximos, consigo ver que é Dante! Meio corcunda, parece com fome. Ao seu lado, Virgílio. Os poucos contatos que tive com ele foram através de Dante, então faz sentido. Sentam-se, um de cada lado, e me perguntam o que estou fazendo aqui, a essa hora.

Mostro o mapa, digo que procuro o começo, o ponto exato da partida. Dante começa a falar, mas Virgílio o interrompe com um cascudo, diz para não se meter. Vira então para mim e me lembra de que é preciso deixar toda a esperança para trás, caso contrário a porta não abre. Digo que não consigo e ele pergunta qual é o problema.

O problema é sempre o começo, eu digo. Um vazio que não permite antecipar o que vem depois, apenas formas. E só saberá quando de fato começar, caneta no papel, dedo no teclado. Os primeiros traços da personagem, das primeiras cenas, de que cor será o olho, a roupa? Aos poucos, a simbiose de autor e personagem que deixa difícil a separação, a cada linha que se passa.

Aos poucos acordo mais humano, com vontades estranhas de ovos mexidos e café sem açúcar pelas manhãs, entende? Talvez ele esteja preferindo moscas nesse momento. Aos poucos, bem aos poucos, as memórias já não se divisam: agora lembro de ter caído de bicicleta algumas vezes até aprender. Lembro de pular com os amigos até o brejo mais próximo. Lembro de mamãe fazendo bolinhos de chuva em um sábado à tarde nebuloso. Lembro da lamaquentinha aquecendo toda a família no inverno. Lembro de um primeiro beijo estranho atrás da escola. Lembro de coisas que eu não vivi. De repente, nasci. E já nasci adulto, com memórias fabricadas e outras emprestadas, com experiências trocadas que me fazem ser isso que sou, agora.

De repente, no meio da mata. Memórias entrecortadas e vindas de todos os lados: às vezes sou Alice, às vezes sou João e Maria. Já aprendi que não devo seguir o coelho branco de

relógio e que casas feitas de doce no meio do nada podem não ser tão boas quanto parecem. Entre aparências e realidades, eu me perco no caminho.

De novo, volto ao começo. Agora já nasci, percebe? Tenho um corpo, braços pernas cabeça e uma consciência, talvez um pouco limitada pela personagem que sou obrigado a interpretar aqui, nesse momento. Nasci adulto, no meio da minha história que cruza com a história de outros. Nasci sabendo falar, cantar, dançar. Nasci com um pobre senso de direção, mas com profundas convicções políticas. De bagagem, memórias e mais memórias de tantos outros que também já foram escritos, de alguma forma. Às vezes sou Dorothy, procurando o caminho de volta para o meu querido Kansas. Às vezes sou Dante, aqui ao lado, parado junto às portas do Inferno, tendo de deixar toda a esperança para trás.

Pergunto: se tenho toda a Literatura de bagagem, como ainda posso me surpreender com alguma coisa? Que história ainda não foi contada, que moral ainda não foi ensinada? Que poder de narrativa eu tenho para manter essa história?

Sou viajante, sim. Só o que eu tenho a oferecer é a minha experiência de viagem, que é diferente da experiência dele que fez a mesma viagem. Faço do diário um mapa, traço um caminho, marco os pontos importantes para não esquecer. Deixo, sim, toda a esperança para trás e mergulho de cabeça naquilo que quero contar. Dói muito para sair, meu corpo é tão pequeno. Tenho medo do final, maldita ansiedade. Sei que quando chegar lá, já não vai sobrar mais nada além de memória. Fecham-se as cortinas, aumenta-se a iluminação no palco e talvez aplausos. Os espectadores vão para suas vidas, procurando outras memórias de outras narrativas e eu fico aqui. Preciso entender que meu lugar é aqui.

Uma trilha de balas nos trouxe aqui, muito parecida com uma outra, de tijolos amarelos, que por sua vez também é muito parecida com uma terceira, feita de miolos de pão. Como uma âncora, um fio que não deixa esquecer onde foi o ponto de partida, que assegura a Ariadne um caminho para fora do labirinto. Entretanto, é o mesmo fio que traz o Minotauro, que indica para a bruxa onde está Dorothy, que chama o cachorro de olhos caleidoscópicos. Tudo se cruza, percebe? Imagino se todos esses caminhos têm um ponto zero, um início em comum.

Lembro que Dante não teve um fio, uma trilha, mas teve Virgílio e Beatrice que o guiaram o tempo todo. Talvez eu esteja com sorte, tenho uma trilha e uma Beatrice, mas isso não me deixa menos perdido. Continuo me agarrando a uma ideia de começo para saber como voltar, mas talvez o fio já tenha partido, me sinto tão confuso.

Dante sorriu, levantou, tirou a grama das roupas. Virgílio fez o mesmo em seguida. Ambos me abraçaram, me desejaram boa sorte e saíram andando. Fiquei um pouco confuso até

perceber que aos meus pés havia surgido uma estradinha estreita, feita de tijolinhos amarelos e ela seguia diretamente para uma grande porta aberta.

Sábado, 01 de novembro de 1952.

Amanheceu, depois de uma longa caminhada mata adentro, e a floresta já não parecia tão sinistra. Raios de sol entravam pelas folhas, os animais acordavam e começavam seus afazeres matinais. O clima estava tão gostoso! Acho que estávamos no começo do outono, porque as folhas das árvores começavam a ter aquela coloração dourada, meio avermelhada. Greg começou a irritar o Wirt fazendo um barulho com a boca e honestamente estava me irritando muito também, mas fui aprendendo a relevar. Meu guru espiritual do Youtube me diz para ter mais paciência com as pessoas e estou colocando em prática, sabe?

Ouvimos um pedido de socorro e Greg foi atrás do barulho. No fim, era aquela passarinha azul de novo, toda enroscada em um arbusto. Greg a livrou dos espinhos e ela disse que os devia um favor (o garoto disse que queria ser um tigre, honestamente). Ela disse que poderia nos levar até uma tal de Adelaide, que poderia nos ajudar a voltar para casa, mas Wirt não gostou muito da ideia e acabamos seguindo o caminho para uma cidade chamada Pottsfield, indicada em uma placa ao lado.

Acho que o Wirt ficou com medo, se quer saber. Ele parecia um menino muito pragmático, e ter pássaros falantes querendo guiá-los até uma boa Dama da Floresta o assustou demais. Eu me assustaria também, se não fosse um espírito livre.

Sáímos, enfim, da mata fechada e chegamos numa plantação bem bonita. Caminho de terra, com cercadinho dos dois lados e muitas, mas muitas abóboras. Greg puxou um papo com a passarinha e descobriu que ela se chamava Beatrice. E ele disse que meu nome era Wirt Jr.

Honestamente, nesse momento eu já estava começando a desistir de ficar bravo. Língua presa, sem muito o que fazer, eu só podia ficar bravo e “desficar” depois, então fui entrando no jogo. Acho que foi aí o outro Grande Problema.

Beatrice tentou convencer Greg a seguir com ela e deixar o Wirt - lembra disso, vai ser importante - mas ele decidiu ficar. Caminhamos pela plantação em direção à cidade até que Greg acabou pisando em uma abóbora, seguido poucos segundos depois pelo Wirt. A roupa que usavam já era esquisita o suficiente sem usarem abóboras nos pés, sabe? Pela cidade, batemos nas portas, mas não encontramos ninguém, parecia uma cidade fantasma. Casas baixinhas de madeira, com muito feno, eu estava me sentindo em uma gravura de Livros de História sobre os anos 50. Greg então ouviu um barulho e seguimos para um grande celeiro de onde vinha uma cantoria esquisita que era mais ou menos assim:

*“Ó vinde todos
além da estrada dourada
ao mastro ver
Onde há vida pra alma girar
E em nosso peito o amor prender”.*

Entramos no celeiro e descobrimos um monte de gente-abóbora dançando em volta de um mastro trançado, igual aquele usado nas festividades de Primeiro de Maio em alguns lugares. Cabeça de abóbora, corpos de abóbora, braços e pernas com fenos, talvez. Bizarro demais, mas todos pareciam bem felizes, com algumas brincadeiras típicas de festivais. Tipo Midsommar, sabe? Aquele filme de terror cult que saiu ano passado sobre uma comunidade ao norte da Suécia que fazia rituais esquisitos com forasteiros e... ok, lembrei porque eu não gostei nadinha do lugar. As moças-abóboras tinham cabelo feito de palha e os rostos não se mexiam. Nem a boca, nem os olhos, mesmo que estivessem falando e cantando. Pareciam realmente cortados nas cabeças de abóbora.

Um homem-abóbora passou por nós e disse para colocarmos nossas fantasias e nos juntarmos ao Festival e eu não sei se a situação ficou mais ou menos bizarra, mas quem sou eu para julgar, não é? Enquanto Wirt foi procurar informações sobre como voltarmos para casa, Greg, Beatrice e eu fomos dançar um pouco. Wirt disse que não precisaríamos mais da ajuda dela, mas ela disse que estava presa a nós por algum motivo, algo sobre a Lei dos Pássaros Azuis.

Eu não sei exatamente o que Wirt disse para uma moça-abóbora, mas de repente acabou a música, começou um burburinho e fecharam as portas. Ok, esse era o momento que eu teria gritado se não fosse a língua presa (Deus, que saudade me deu do meu fonoaudiólogo!). Wirt começou a gaguejar, tentando se defender das acusações das pessoas-abóboras sobre estarmos tentando roubar a colheita deles (céus, o garoto também faria um bom uso de um fono) quando o poste começou a falar...!

Saiu das sombras e tinha uma cabeça gigante de abóbora, mas com um nó em cima - parecia falso, se quer saber. Uma fantasia. Um velho-abóbora chamou a criatura de “Enoch”, que começou um interrogatório sobre como chegamos lá e o que estávamos fazendo. Wirt até tentou amenizar a situação, mas acabamos sendo culpados por invasão, destruição de propriedade (acho que foi por terem pisado nas abóboras), perturbação da paz e homicídio. Eu, sentenciado por homicídio! Um absurdo. Mas Enoch só estava fazendo graça. Os meninos

foram condenados a algumas horas de trabalho braçal pela confusão e eu escrevi uma música enquanto eles trabalhavam.

Vou aproveitar o piano aqui do lado e cantar para você, tudo bem? Era assim:

*“Entre os campos de palha
trabalha o dia todo, trabalha
O tempo é uma corrente, mais longa do que sente
Paciente é a Noite.
Eu queria tanto vê-La
Seu brilho de lua e estrela
Não deve se atrasar, e então vou esperar
A Noite é paciente”.*

Se gostou bate palmas.

Os garotos colheram alguns cereais e terminaram cavando alguns buracos, meio sem saber para quê. Descobriram que eram covas e ficaram com medo de estarem cavando os próprios túmulos. Wirt pediu ajuda à Beatrice enquanto toda a comitiva de pessoas-abóboras chegava, junto com Enoch. Wirt os enrolou enquanto Beatrice soltou os grilhões dos pés dos meninos e deu no pé, junto comigo e com o Greg. Achamos que o Wirt tinha nos seguido, mas ficou lá parado feito um bocó. Chegou correndo depois, enquanto eu e Greg nos alongávamos - e disse que os esqueletos saíram dos buracos e entraram nas abóboras, ou seja, as pessoas-abóboras estavam todas mortas!

Wirt tentou se livrar da Beatrice, mas ela disse que não estávamos de fato em perigo com as abóboras e, portanto, ainda nos devia um favor por termos salvo ela de... um arbusto? Ok... Greg disse que tinha decidido o desejo dele, que seria que eu tivesse unhas para tocar violão melhor e eu fiquei extremamente ofendido. Primeiro porque eu estava realmente achando o Wirt um paspalho, e não queria o nome dele. Segundo que SAPOS NÃO TÊM UNHAS, e eu ficaria bizarro se tivesse. Mas sei tocar piano e ninguém dá a mínima pra isso, francamente. Se as pessoas se tocassem do quão superestimado é o violão...!

Enfim, os dois ignoraram a criança e nós seguimos caminho, procurando pela tal Dona Adelaide que a Beatrice tinha sugerido de manhã.

Segundo Fragmento...

Agora chegamos em uma bifurcação: Glinda, a bruxa boa do Sul, mostra o caminho para casa, ensolarado e feito de nuvens, mas apenas metade dela. A outra metade é Eudora, a bruxa má do Leste, e aponta para um penhasco altíssimo. Queria seguir pelo caminho de Glinda, mas a Estrada de Tijolinhos Amarelos que trilhava continua pelo caminho de Eudora. Teria mesmo escolha?

A morte paira na encruzilhada e ela tem muitos rostos, já foi reescrita tantas vezes. São tantos que não consigo me concentrar, então paro em um: Saramago reescreveu a morte mais parecida com os seres humanos do que qualquer outro que eu me lembre, talvez seja melhor para você se identificar. Imagina! Tirou férias e deixou as pessoas sem morrer, para que entendessem como o trabalho dela é fundamental.

Essa morte é apenas dos humanos, claro. Os animais têm uma morte diferente, mais como uma energia. Vocês, humanos, têm a mania de humanizar tudo, fazem isso até com os deuses de vocês. Mas voltemos à morte: estava parada na encruzilhada, sentada em uma pedra, usando umas roupas leves de verão e estava resolvendo umas palavras cruzadas. Disse que ia viajar, tirar uns dias *off* e curtir um pouco.

Pergunto se já viu o outro lado e diz que não, só faz a travessia. Disse que às vezes gostava de dizer para os novos desencarnados que a travessia custava duas moedas, só para sacanear. Não julgo, deve ser um trabalho meio chato.

Ela continua falando alguma coisa que eu não entendo, diz tão depressa. Não conhece outras pontuações a não ser o ponto e a vírgula e tudo sai num jorro de palavras muito difíceis de acompanhar. Pergunto se conheceu Enoch, o dito chamado por Deus para caminhar até o paraíso, sem conhecer a morte de fato. Ela diz que realmente não, atua unicamente como morte na Portugal inventada por Saramago e não acompanha o trabalho das outras mortes de outros países. Confesso que nunca pensei na Morte como nacionalista. Ela diz que está cansada de ser Morte, pensando em ser mulher, e me lembrei de Ana C., que dizia estar cansada de ser homem. Vezenquando me canso de ser Sapo também, entendo as duas.

Pergunto se ela tem medo de alguma coisa e ela diz ter medo disso nunca acabar. A humanidade, o trabalho, as bolhas nos pés. Será que a Morte tem pé-de-atleta? Fico com vergonha de perguntar.

Ela me pergunta onde fica o correio mais próximo, precisa enviar uma carta para a humanidade, avisar que não vai trabalhar por uns tempos e tal e sugiro a ela que faça um e-mail, ninguém mais envia cartas hoje em dia, a não ser bancos com boletos. Pergunto se pode

me acompanhar por um tempo, essa estrada é tão vazia e monótona, quem sabe encontramos um correio no caminho, posso ajudar com a gramática também.

Pergunto de novo se já viu o outro lado (não me convenci) e ela diz que não. Só deixa as pessoas na porta, não pode atravessar o limite. Confessa, entretanto, que às vezes espia pela fresta, mas nada muito emocionante, a vida na Terra é mais interessante.

Reclama que eu estou ficando para trás na estrada e retruco que é difícil acompanhar com meus pulinhos de Sapo, e que devia ser um pouco mais compreensiva já que o trabalho dela era carregar espíritos pra lá e pra cá. É possível que tenha endurecido com o tempo? Perdido um pouco da sensibilidade, talvez? Como um dentista que já não se impressiona tanto com resmungos de dor de pacientes depois de já ter ouvido tantos.

Achei a morte um pouco egoísta.

Agora já enxergamos uma outra bifurcação. Ela continua em frente, e eu decido pegar um atalho, sem medo nem pressa. Dizemos adeus, peço que me traga uma lembrancinha se voltar em algum momento. Ela agradece pela ideia que eu dei de terceirizar o serviço de fazer as cartas, quem sabe até mandar e-mails automáticos! Iria economizar um tempão.

Já alguns pulos depois, lembro de perguntar se conhecia a minha morte, mas ela já tinha sumido na estrada.

Domingo, 02 de novembro de 1965.

*“Não sei quem ela é, como ela é
quando ou porque
Mas ela está aonde nós vamos também
Pra Adelaide, Adelaide
Ó venha pro desfile de Adelaide.
Adelaide, pra Adelaide
Nós hoje vamos pra casa”.*

Eu provavelmente teria feito melhor, mas o garoto se esforçou pra compor essa, então vou dar o crédito. Beatrice ralhou com Greg por causa da cantoria e com o Wirt porque estava indo muito devagar. Jesus, essa passarinha estava precisando de um retiro de férias ou algo assim, nunca vi alguém tão mal-humorado (se você me apontar esse espelho de novo, eu vou dar na sua cara).

Beatrice brigou com o Wirt sobre como ele era facilmente influenciável e disse pro Greg que o mundo é um lugar terrível e que a vida não é legal. Acho que ela esperava que o menino calasse a boca, mas ela realmente não conhecia a criança. O garoto saiu correndo me levando junto, dizendo que tínhamos que fazer nossa parte para fazer do mundo um lugar melhor. (Com licença, eu já faço isso escolhendo bons políticos).

Ouvimos um sino ao longe e descobrimos que vinha de uma escola pequenininha, dessas de interior. Era uma gracinha, paredes de tijolinhos em uma clareira bonita. Tinha um lago do lado e muitas plantas. Lembro de ter feito o primário em uma dessas, as aulas de coaxada em latim eram terríveis. Acho que o Greg também não curtia muito a ideia de escola, e era domingo! Então demos a volta.

Wirt e Beatrice nos perderam de vista e acabaram entrando na escola, com a professora Langtree (pensa numa pessoa sofrida) e os alunos todos que eram animais com roupinhas dos anos 60. A professora vestia uma saia e camisa de botões com gravata borboleta. Cabelo preso em um coque e giz de cera na mão. Era exatamente aquela imagem de professora que temos em livros infantis antigos.

Wirt tentou dar uma de esperto e quis mostrar pra Beatrice que não era influenciável, fazendo tudo o que os outros mandavam ele fazer, de um jeito bem irônico, e acabou indo pro castigo de propósito (bom, o chapéu de bobo ele já tinha mesmo). A professora começou uma música ensinando o ABC que era uma sofrência só, essa mulher devia escrever sertanejo aqui no Brasil. Pelo que deu pra entender, ela tinha se apaixonado por um moço que deu no pé (falei, sertanejo).

Enquanto isso, Greg e eu encontramos outros animais que também não queriam estudar, entre eles um cervo, um gambá e, como é o nome daquele bicho que parece que usa uma máscara de bandido? Isso, um guaxinim. Enfim, ficamos tranquilos conversando à beira do rio. Diferente dos bichos da escola, esses usavam roupas todas rotas e pareciam mais selvagens. Greg disse que tinha uma teoria de que “cachorros quentes não são cachorros de verdade, apesar do que ensinam na escola” e eu realmente queria saber que tipo de escola esse menino frequentava.

Ele chamou todo mundo para uma brincadeira chamada "dois gatos velhos", e ninguém entendeu direito o que ele pretendia, mas não estávamos fazendo nada mesmo. Saímos procurar pelos dois gatos na mata ao nosso redor e incrivelmente achamos, mas um dos gatos era velho demais. O menino-gambá achou que tinha encontrado outro atrás de um arbusto, mas era um gorila gigante!

Fugimos correndo com o bichão nos perseguindo, subimos no telhado e tocamos o sino para avisar todo mundo, mas ninguém apareceu. O gorila nos perseguiu no telhado e ficamos correndo feito bobos em volta de uma árvore até que o Jeffrey (o menino-gambá) deu uma paulada na cabeça do bicho. (Gostei muito desse menino).

Foi o tempo necessário pra corrermos pra dentro da escola e foi bem na hora do almoço. Ainda bem, porque eu estava faminto! Serviram purê de batatas, mas estava meio insosso (com moscas flambadas ficaria uma delícia). Bateu um desânimo na galera, acho que foi a sofrência da professora. Greg levantou dizendo que tinha uma ideia, pediu para a Langtree tocar uma música mais animada e saiu colocando melado no purê, cantando uma musiquinha bem grudenta que era mais ou menos assim:

*“Tem batatas e melado
Se quiser um pouco, pegue um bocado
são quentes como meias, delicadas
com cremes doces, recheadas!
Tem batatas e melado
bem mais doces que um cálculo complicado
com o estômago roncando e a boca murmurando
só tem um jeito de manter seu cérebro andando
Com batatas e melado
Ponha um óculos se não tiver enxergado
são grandes à beça, como um barco de pesca*

*Só pare de comer se estrelas começar a ver!
São batatas e melado
a única tarefa que deixou de lado
os baixinhos vão mandar
e fazer todos gritar
por batatas e melado
por batatas e...”*

O clima estava bem divertido, até que o pai da professora apareceu putação e saiu recolhendo todos os instrumentos musicais da galera e mandou todo mundo para a cama (acho que perdemos um pouco a noção do tempo, porque de repente já estava de noite). O velho era enorme, parecia um armário! Tinha uma cara de bravo muito assustadora e, desanimados, fomos todos para a cama em um dormitório grande. Beatrice e Wirt ainda estavam discutindo quando Greg disse que ia salvar o dia e fugimos todos pela janela. O menino é bem positivo, às vezes até assustava.

Saímos andando um pouco pela mata e encontramos o Sr. Langtree logo mais à frente, falando sozinho no meio de uma moita. Pelo visto ele tinha investido todo o dinheiro dele na tal escola e agora estava pobre. O velho fez uma cabana com os instrumentos e o casacão grande e dormiu (No fim era o casaco que deixava ele grande, vê se pode? Aparência é tudo, mesmo).

Agora eu te pergunto, o que leva uma pessoa a investir em uma escola pública? Assim, é um gesto bonito e tal, mas realmente não teria como ter um retorno financeiro disso. Devia ter tido um plano mais bem elaborado, ou ter pedido ajuda, mas deu pra ver que o homem tinha um ego enorme para isso, visto o casaco que usava. Imagina! A escola estava cheia de camas e o doido dormindo no meio do mato.

Pra ser sincero, ficamos um pouco tocados com a história, dava pra ver que ele realmente se importava. Esperamos o velho dormir E O GREG ROUBOU OS INSTRUMENTOS DELE. Na hora achei que o garoto tinha endoidado de vez, mas a ideia foi boa: montamos um concerto beneficente com os instrumentos e os animais e apareceu um monte de gente com dinheiro (de onde saiu essa gente toda eu não faço ideia).

A professora começou a sofrerência de novo por causa do namorado de três dias dela, quando o gorila apareceu assustando todo mundo. Wirt tropeçou nos próprios cadarços e caiu em cima do bicho, mostrando que na verdade era ele, o Jimmy Brown, namorado da Langtree, que tinha ficado preso na fantasia de gorila do circo - um bico que ele tinha encontrado pra

juntar dinheiro e pedir a professora em casamento (e o homem não sabia mais falar? Ainda se tivesse com a língua presa igual eu...).

O dia terminou com um final feliz, pelo menos. Greg cantou de novo a musiquinha das batatas, e seguimos o concerto beneficente. Confesso que tem dias que ainda fico cantando essa musiquinha chata inconscientemente.

Terceiro Fragmento...

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” Mas podia ter sido um sapo, também. Lembro de ter lido Kafka na faculdade e ficar me perguntando “e se eu acordasse humano, um dia?” Como minha família reagiria? Eu com certeza não poderia viver mais no brejo.

Enquanto seguia pela Estrada de Tijolinhos Amarelos pensando nisso, tropecei em alguma coisa grande e pegajosa: uma barata! Normalmente, sapos comem baratas, mas não uma de quase dois metros de comprimento. Imagina você, se topasse com um frango gigante na sua frente. O susto foi tão grande que caí para trás, já tive alguns pesadelos assim.

Enquanto gaguejava pensando no que fazer, a enorme barata se virou e era mais estranha do que parecia. Corpo cascudo de barata, meio amarronzada, seis patas finas, mas com mãos humanas nas pontas. Uma cabeçorra grande e humana, mas com olhos de inseto e duas antenas em cima. A boca era humana, mas os dentes eram esquisitos, alguns claramente humanos, outros pequenos e afiados.

Dei bom dia, pedi desculpas pelo esbarro. A barata-humana me agarrou e me apertou no pior abraço da minha vida, rindo e dizendo que saudade quanto tempo como está a família. Demorei alguns bons segundos para entender que era o Gregor! Para ser justo, nos conhecemos pela internet e na época ele era cem por cento uma barata, vivendo em um quarto escuro.

Cumprimentei de volta, perguntei quais eram as (óbvias) novidades, e ele me disse que estava com problemas. Entende, já conversamos sobre isso antes, a morte dos animais e dos humanos é diferente. Mesmo os humanos têm mortes diferentes, se você fizer a gentileza de lembrar da minha amiga morte do Saramago. E é justamente aí que reside o problema: Gregor nasceu humano, cresceu humano, trabalhou humano, mas morreu animal, largado em um canto escuro. Por isso, era impossível que ele seguisse, vagando por ali até voltar a ser humano de novo.

Perguntei se queria caminhar um pouco, eu precisava continuar o meu caminho, a próxima parada do mapa não estava muito longe. Quem sabe se caminhar um pouco não agilizaria o processo. Ele topou e começamos a andar devagar, aproveitando a brisa do fim da tarde.

Perguntei quando tinha conseguido voltar a falar normalmente. Os últimos dias dele foram péssimos, eu lembro. Só saíam ruídos, nada de palavras. Ainda bem que ele ainda conseguia digitar. Mas disse que tinha voltado a falar há alguns momentos atrás, e estava falando sozinho na estrada até que eu cheguei.

Percebo como tudo pende para o humano. Estamos mais perto de sermos humanos se falamos como os humanos, nos vestimos como os humanos. Andamos sobre duas patas, assinamos a Netflix e postamos fotos dos nossos cafés no Instagram. Nunca seremos humanos, é bom ter consciência, mas ao menos coexistimos.

O que eu estou tentando dizer é que poder falar nos aproxima do humano. Não ter essa capacidade nos aproxima do animal. Viver, mesmo que por pouco tempo, nesse entrelugar, é uma experiência fascinante: os outros te tratam bem no começo, afinal você é uma criatura racional, pensante, inteligente. Mas, aos poucos, à medida que já não é possível emitir opiniões sobre tudo que acontece, o respeito vai sumindo. Cada vez mais, um bicho de estimação qualquer e menos um indivíduo interessante. Qual seria o próximo passo? Pegar a bolinha? Pergunto se Gregor está acompanhando o meu raciocínio e ele me olha incrédulo, perguntando sarcasticamente se eu li o seu livro.

Pedi desculpas, claro, mas também ri. Estava aqui falando sobre ser um Ser Humano e acabei me portando como um, sendo incrivelmente insensível.

Gregor diz que sente falta da família. Vejo agora que dois dos seus seis braços sumiram, e os quatro restantes se transformaram em pernas e braços humanos, com mãos e pés humanos enormes! (Claramente alguém tomou biotônico na infância).

Seguimos caminhando em um passo agradável, mas essa coisa de ser humano continuava me incomodando, não sei dizer o porquê. Talvez fosse pelo encontro com o gorila, da outra vez. Era um ser humano, mas só de vestir uma fantasia de gorila, se transformou em um. Levou a personagem longe mais. Imagina se isso acontece comigo?

Gregor diz que esse entrelugar é realmente difícil. Não se encaixa em nenhum lugar, por certo, e acaba se tornando um monstro desfigurado. Enquanto fala sem parar como sentia falta de ouvir a irmã tocando seu violino, vejo que o torso de barata também já sumiu, já é quase humano de novo, mesmo sem nunca ter deixado de ser de fato. Só o que resta de barata são as antenas e os olhos, além da integridade. Ninguém nunca diz isso, mas baratas são os animais mais íntegros do mundo, apesar da falta de higiene. Também ficam ótimas em um risoto com grana padano, mas ninguém fala sobre isso também.

Digo que ser humano é ser animal também, e Gregor concorda. Não dá para dissociar os dois. Os humanos também têm instintos, comem, cagam, procriam, faz parte da natureza. Chega a ser engraçado como inventam subterfúgios para fugir dessa animalidade, como vestir roupas e criar leis absurdas para manter um equilíbrio muito frágil. E então, depois de passarem um dia se portando como as criaturas mais perfeitas do universo, vão para casa assistir à luta livre na TV, para se conectar de novo com essa animalidade toda.

Comecei a teorizar um pouco mais sobre o que eu achava dos humanos, mas Gregor me interrompeu. Falei tanto que não percebi quando as antenas tinham sumido, e os olhos caleidoscópicos se transformaram em dois círculos menores e azuis. Paramos próximo a uma estrada paralela e ele agradeceu a companhia, realmente tinha ajudado a contra metamorfose passar mais depressa. Nos despedimos com um aperto firme, e enquanto ouvia ele já mais longe praguejar de nojo por ter pisado em uma barata, fiquei me perguntando quando que as membranas entre meus dedos, agora humanos, tinham desaparecido.

Segunda-feira, 03 de novembro de 1930.

Seguimos o caminho da floresta depois de pedirmos algumas informações ao pessoal da escola (sem sucesso). Começou a chover, então os meninos se abrigaram dentro de uma casinha, em um monte de feno. Eu, pessoalmente, gosto da chuva, mas o garoto me carrega para todo lado como se eu fosse um boneco e já tinha entendido que não adiantava reclamar. Tentei coaxar em protesto algumas vezes, mas também não resolveu. No fim, tiramos um cochilo ali mesmo.

Acordamos com um solavanco. Aparentemente, o monte de feno em que dormimos estava em uma carroça, e um homem a colocou em um cavalo e saiu galopando feito maluco no meio da floresta escura e com chuva (qual o problema das pessoas desse lugar?). O cocheiro começou a berrar que a Fera estava atrás dele e Beatrice estava enfurecida porque estávamos indo para o lado contrário. Fazia um tempo que não ouvíamos falar dessa tal Fera e confesso que me deu um pouco de medo - não gosto de admitir isso em voz alta, mas eu não sou um espírito tão livre assim. Na verdade, em alguns momentos, sou um sapo bem covarde.

De repente fomos jogados da estrada em uma curva brusca e caímos na frente de uma taberna assustadora. Seguimos para lá com o Greg reclamando que estava com fome e tinha um cachorro enorme e peludo travando a porta, parecia feito de pelúcia. Por dentro, a taberna não era tão esquisita. Sentamos e Beatrice foi enxotada pela taberneira (que era a cara da Betty Boop), que nos perguntou quem éramos. Pelo visto, todo mundo na Taberna era “alguém”: Parteira, Alfaiate, Mestre e Aprendiz, Padeiro, Confeiteiro, etc. Tinha até um assaltante sinistro que começou a cantar que era um assaltante (honestamente, cadê a polícia nessas horas?), mas as pessoas começaram a aplaudir e eu me perguntei se ele não era um ator, na verdade).

Greg não parava de comer, parecia que não tinha mais fundo! Wirt foi pedir informações sobre o caminho e um velhinho doido achou que ele estava apaixonado. E começou a cantar. E eu comecei a me sentir em algum musical da Disney (todos os direitos reservados, por favor não me processem).

As pessoas pediram para o Wirt cantar uma serenata de amor e ele tentou contar a história e pedir ajuda através de uma música (spoiler alert: o garoto não tem o menor talento). No fim, as pessoas disseram que ele era um peregrino e eu não sei exatamente o que isso queria dizer. Estava tudo bem, até o Wirt falar sobre a Fera e todos ficarem bem assustados. Não é que o bicho é real?

A Taberneira começou a cantar sobre a Fera (musical, lembra?) e como ela tem um lampião sombrio que queima os perdidos na mata. Claro que lembramos do Lenhador na hora e Wirt pediu informações para ir para casa. De repente, Beatrice gritou de algum lugar da floresta e o Wirt pegou um cavalo que estava amarrado do lado de fora da taberna e saiu galopando para dentro da mata. Encontramos a Beatrice caída em uma árvore e o Lenhador parado na frente dela (culpado...). Wirt chutou o lampião do homem que queimou uma árvore enorme quase instantaneamente e conseguimos fugir dali. Não sei o que houve com o Lenhador depois daquilo, mas juro que pude escutar uma risada louca atrás de nós, morrendo na noite.

Quarto Fragmento...

O caminho continua e encontro Ulisses, parado em uma esquina. Sim, já se encontrou com Penélope há muito tempo, mas vai ser eternamente lembrado pelo caminho que percorreu, e não pelo final feliz, certo? Acho que é isso que faz um herói, no fim das contas. Ulisses é alto, barbudo, engordou alguns bons quilinhos, tem várias cicatrizes de batalha e profundos olhos cinzentos, marca registrada dos protegidos de Atena.

Engraçado como parece jovem, mesmo tendo sido escrito há tanto tempo. Acho que todas essas reedições o mantiveram jovem, atualizado. Até está usando um tênis da Nike! Pergunta se pode me acompanhar um pouco, brigou com Penélope, precisa pensar. Digo que não tem problema, gosto da companhia, e seguimos.

Pergunto como anda o Final Feliz, e ele diz que não muito bem, brigaram por causa de uma louça suja, eu acho. Assim como a Morte que ficou lá trás, é um pouco difícil de entender Ulisses também: fala tudo rimado, meio misterioso às vezes. Demorou quinze minutos para explicar a situação e ainda rimou “louça” com “moça”.

Ele me pergunta como eu procederia e não sei o que responder, pouquíssimos Sapos usam talheres e pratos e afins, então a louça não é um problema recorrente. Ouço ele resmungando alguma coisa sobre Calypso nunca ter brigado por causa de louça suja, mas Calypso era uma deusa, certo? Acho que nem ela lavava a própria louça.

Pergunto se sente falta da estrada, dos monstros, de ser um herói. Como foi voltar para casa depois de longos 20 anos e ele suspira. Diz que preferia encarar dez Polifemos do que visitar a sogra novamente no extremo sul de Ítaca. Mas confessa sim, sentir falta da estrada. Vejo dois Ulisses: o primeiro é o herói que lutou na Guerra de Tróia e depois enfrentou a ira de monstros e deuses para voltar para casa. O segundo é homem que está aqui, sossegado e domesticado depois de quase trinta séculos, triste por causa de uma louça.

Aproveito para falar um pouco do meu problema, digo que não sei quem sou, e ele diz que faz parte. Que mesmo depois de tantos séculos, também não sabe quem é, embora as pessoas sempre o tratem como “o herói”. Diz que vive desconfiado de que, no fundo, não é ele quem pensa e sente as coisas que ele pensa e sente, mas que há um outro, que sente e imagina tudo, por ele. Digo que entendo como ele se sente, às vezes me sinto exatamente da mesma forma. Imagino se isso é algum tipo de problema frequente entre personagens.

Continuamos caminhando a passos largos, percebo agora que não pulo mais, facilitando a locomoção. Nunca pensei muito em destino, para ser sincero. Gosto de acreditar que vivo o presente, *carpe diem* e tudo mais, mas não sei. Vezenquando as coisas realmente parecem

programadas, sabe? Como se tivéssemos sido escritos por alguém, com hora para nascer e para morrer.

Comecei a ter dores de cabeça pensando nisso tudo, e Ulisses me oferece uma garrafa de água, que bebo rapidamente. Para fugir um pouco do assunto, mostro a ele o mapa, deve entender bem. Digo que já passei por aqui, aqui e aqui, e bem ali, naquele canto perto da gente à beira da estrada, fica a taberna que passei antes, com os garotos. Ulisses agradece pela dica e se oferece para pagar uma bebida, e eu topo, não faria mal desviar um pouco do caminho.

Chegamos na taberna e tudo continua igual, tirando o fato de ser bem menos sinistra à luz do dia. A taberneira Betty Boop nos leva até uma mesa e diz que se chama Sônia, vou continuar chamando ela de Betty pro resto da vida. Percebo o quanto envelheceu desde a última vez, já fazia assim tanto tempo? Mal consigo lembrar do que fiz nesse meio tempo, como se eu tivesse existido só antes e agora, sem um durante.

Ulisses toma um whisky puro, imagino que tenha tomado coisas mais fortes no mar. Eu bebo um *dry Martini* de moscas, faz calor. Ficamos assim, em um silêncio confortável por uns momentos, até que me levanto para seguir meu caminho. Nos despedimos, agradeço pela bebida e peço que mande lembranças à Penélope, quando fizerem as pazes.

Saio pela porta da frente e passo por um espelho no caminho. O reflexo não é de um sapo, e ele pisca para mim como se estivéssemos dividindo um segredo divertido.

Terça-feira, 04 de novembro de 1453.

Fugimos galopando noite adentro e conseguimos informações com Fred, o cavalo. Aparentemente tínhamos sido jogados para o outro lado da Floresta, bem longe da tal Dona Adelaide. Por sorte, havia um barco que nos levaria até lá em pouco tempo, mas precisávamos de duas moedas para embarcar.

Acabamos chegando em uma enooooorme mansão. Havia pavões para todo lado e um grande portão de ferro. Beatrice teve a ideia de mentir para o dono da casa e dizer que os meninos eram sobrinhos dele, assim poderíamos conseguir as moedas (roubar). Wirt foi contra, princípios e não sei mais o que, mas Beatrice e Fred queriam roubar. E Greg nem estava prestando atenção, só acreditou que o homem era tio dele mesmo. Honestamente eu não me importei, o velho nadava em dinheiro, parecia o Tio Patinhas.

O único problema é que o velho era doido! Era baixinho, usava uma casaca cor de vinho e tinha o cabelo bem grisalho e repartido ao meio. Seu nome era Endicott (aqui, para todos os efeitos, tio Endicott). Tinha uma Companhia de Chá, e quanto mais dinheiro ganhava, maior ficava a mansão. E ELE MORAVA SOZINHO NAQUELE LUGAR ENORME! Não sei até que ponto acreditou na mentira que contamos ou quis acreditar nela, mas ficou feliz em nos receber e servir o almoço (sem moscas ao bafo dessa vez, uma pena).

Acabamos indo até o salão de visitas, o lugar era bonito e bem decorado. Foi quando o tio Endicott nos contou que se perdeu na mansão uma vez (surpresa nenhuma) e chegou em um canto da casa que não conhecia. Parou em um quarto onde viu um quadro de uma mulher linda e se apaixonou pela figura emoldurada (doido). O velho se apaixonou por um fantasma!

Greg insistiu que queria ver o fantasma e convenceu o tio a ir até lá procurar o quarto com o quadro fantasmagórico. Beatrice mandou Fred ir junto com eles e Wirt e Beatrice ficaram no salão procurando moedas. Greg ficou tão empolgado com o fantasma que me esqueceu no salão. Foi o momento perfeito para respirar um pouco e escrever minhas memórias. Saí pulando pela mansão até encontrar uma biblioteca enorme! Parei por ali em uma poltrona confortável e comecei a desenhar um mapa dos lugares que tínhamos passado até então, talvez fosse útil em algum momento e eu sempre quis ser geógrafo.

Wirt descobriu que Beatrice não era um pássaro de verdade. Jogou uma pedra em um pássaro azul há algum tempo e o maluco ficou realmente ofendido, então amaldiçoou ela e toda a sua família, transformando todos em pássaros azuis. Isso eu já desconfiava desde o começo, mas ficou complicado dizer por causa da língua presa. Mais um motivo pra eu não confiar muito nela.

Wirt e Beatrice encontraram uma passagem secreta que dava para o outro lado da casa, e tudo era bem diferente, incluindo a decoração (segundo o Wirt, rococó francês). E foi aí que o Wirt entendeu então que na verdade eram duas mansões, que de tão grandes haviam se juntado. O velho não era (tão) doido, afinal. Enquanto os dois saíam para procurar pelos outros, Greg, Endicott e Fred chegaram no tal quarto da fantasma.

A princípio acharam que tinha rolado uma briga, tinha algumas xícaras quebradas no chão. Fred até achou que o velho era um assassino. No meio da acusação, ouviram passos vindos do corredor e era ela! A fantasma em carne e osso. Tanto ela quanto o Endicott desmaiaram na hora.

Quando acordaram, descobriram que eram concorrentes nos negócios. A não-fantasma (Senhorita Margueritte Gray) e o tio Endicott tinham mansões tão grandes que se misturavam e eles nem sabiam. Agora você imagina o que é ter uma casa tão grande! Eu morava com meus pais em uma casinha de três quartos lá no brejo e já achava grande.

Fred decidiu que não iria mais roubar e conseguiu um emprego como entregador de chá da agora empresa única dos dois apaixonados (Sim, ela gostava dele também e eles faziam um casal bonito de velhinhos ricos). Endicott deu uma moeda ao Greg, dizendo que era um menino de bom juízo, e a Lady Gray deu outra. Podíamos pegar a Balsa! Tenho certeza que já ouvi essa história de precisar de duas moedas para atravessar um rio, mas não lembro de onde.

Estávamos saindo super felizes da mansão, quando Greg jogou as duas moedas em uma fonte, dizendo que o Endicott estava errado sobre ele. Não tinha nada de juízo. Olha, realmente. Tanto trabalho para nada e voltamos à estaca zero.

Quinto Fragmento...

No meio do caminho, uma mansão gigantesca, pertencente aos donos de uma grande companhia franco-britânica de chá. A minha estrada de tijolinhos seguia pelos corredores, subia pelas escadas, dava voltas nos salões de jantar. Assim como Ulisses, torno a me perguntar se o meu destino já é programado, se alguém se diverte brincando com a minha vida.

A estrada para em uma biblioteca enorme, forrada de prateleiras e livros de cima a baixo. Uma lareira acesa esquenta e ilumina o ambiente, de frente para um grande tapete felpudo e confortável. Surpreendentemente, encontro um robe vermelho do meu tamanho e sento em uma grande poltrona de veludo, também vermelha. Na mesa ao lado, um charuto de bolhas e uma dose de *dry Martini* com moscas, mas dessa vez sinto nojo. No meio dessa história toda de quadros e doidos, lembro de Dorian Gray, o doido que trocou a alma pela imortalidade, colocando a sua alma corrupta em um quadro retrato que envelhecia ao invés dele.

De repente, Dorian aparece. Procurava um livro na biblioteca, pelo visto, e pergunta se incomoda se sentar ao meu lado. Digo que não e ofereço o charuto de bolhas - pensei em oferecer o Martini, mas acho que também não gostaria das moscas.

Pergunto que livro lê, e me diz que é um conto de Edgar Allan Poe, “O Retrato Oval”. Diz que é sobre um pintor, apaixonado tanto pela Arte quanto pela sua jovem esposa, e que decide juntar as duas, fazendo um retrato da amada. Entretanto, o pintor enlouquece com a obra, fazendo o quadro cada dia mais perfeito, e depois de semanas trabalhando - com a jovem esposa modelando - na torre mais alta do castelo, percebe que pintara a própria vida da amada, que cai morta em seguida. Macabro, mas entendo o apelo.

Dorian diz que entende também. Vendeu a alma há muito tempo e hoje se arrepende, embora agradeça à Fera que o deixou manter a beleza de outrora na condenação eterna. Pergunto se estamos no inferno, de fato, e ele me pergunta o que eu acho. Mantenho o silêncio, não sei o que pensar.

Digo que existe um quadro na casa, que pode ser de um fantasma, e ele responde que sim, já o viu, o visita com frequência. Diz que entende, sabe o que é ser um preso em uma moldura. Olha pra frente enquanto diz isso, contempla um quadro em cima da lareira, que está coberto por um pano velho - não o tinha visto antes, percebo.

Dorian pergunta o que eu estou fazendo e digo que estou dando uma pausa. Procuo alguma coisa que se perdeu de mim e que levou meu nome junto, mas a estrada é cansativa e os sapos não usam tênis, meus pés doem demais. Ele me lança um olhar inquisitivo, dizendo

que não tinha percebido que eu sou um sapo, e fica um silêncio estranho. Como assim, não tinha percebido? Se não sou Sapo, sou o quê?

O silêncio dura mais tempo do que a Guerra dos Cem Anos. A biblioteca era simetricamente dividida em estilo georgiano e rococó francês, como se as duas mansões se encontrassem exatamente nesse cômodo. Mesmo a xícara de chá quente que apareceu na mesa ao meu lado era simetricamente dividida em dois estilos diferentes.

Dorian do nada diz que se arrepende. Ficou sabendo de tudo que aconteceu com Oscar depois de ter publicado sua história, o modo como morreu. Digo que não deve se culpar, não podemos tomar responsabilidade por tudo e cada um precisa enfrentar as consequências dos próprios atos. Entretanto, entendo o que ele diz. Por anos me culpei pela morte do meu pai, e demorou esse tempo todo para fazer as pazes com isso. Comigo.

Dorian senta do meu lado e me abraça, gosto do carinho, já faz tanto tempo. Ele diz que entende. Volto a pensar em realidades e aparências, achava que a morte seria compreensiva e Dorian seria egoísta, mas olha só.

Dorian levanta, guarda o livro do Poe na prateleira e diz que precisa ir, já que estava atrasado para um compromisso. Eu digo que vou também, já tinha descansado bastante. Levanto, largo o robe e o cachimbo na poltrona e me dirijo à saída, onde Dorian me espera. Na soleira, percebo que somos praticamente do mesmo tamanho. Nos despedimos com um beijo em cada bochecha, como os parisienses fazem, mas o terceiro, no canto inferior mais vermelho da boca, foi bem inglês.

Quarta-feira, 05 de novembro de 1870.

O dia começou como todos os outros. Um sol bem gostoso e um clima bem agradável. Vimos cada vez mais folhas caindo das árvores, então o inverno estava bem próximo. Chegamos à beira do rio e vimos a balsa pronta para zarpar, porém ainda sem dinheiro. Decidimos entrar como penetras, junto com as últimas caixas de armazenagem. O barco era bem bonito, todo colorido! Tinha duas chaminés soltando fumaça, um tipo de roda d'água do lado e estava todo enfeitado com bandeirolas coloridas. Parecia uma festa animada.

Quando chegamos mais perto do píer, que surpresa! A tripulação toda era de sapos. Desde o capitão até os seguranças (ficamos longe deles). Havia senhores e senhoras, girinos de todos os tamanhos e uma banda de sapos! Fazia muito tempo que eu não via meus iguais e me enchi de alegria. Por algum motivo, comecei a cantarolar na minha cabeça Karma Chameleon, do Culture Club.

Fiquei tão feliz que comecei a dançar com o Greg enquanto Wirt e Beatrice conversavam. Tão feliz que nem percebi que a passarinha estava super triste. (aguarde). Estava indo tudo bem, na verdade, até o Greg perceber que eu estava pelado e me chamar de George Washington (?).

Assim, eu sempre fui naturista. Minha família toda, na verdade. Sempre achamos opcional o uso de roupas lá no nosso brejo e sempre optamos por não as usar. Essa camiseta que estou usando? Ah, é da Renner. Descobri a duras penas que o mundo humano não aceita sapos falantes naturistas, principalmente na minha condição de universitário. Eu não tinha contado que sou universitário?

Enfim, eu estava sim com frio e querendo algum agasalho. Eu tenho sangue frio e o tempo estava esfriando, dava para sentir. Greg disse que eu era o sapo DELES e Wirt se esquivou dizendo que eu não era sapo DELE; Honestamente não sei o que me ofendeu mais: se o baixinho me tratando como uma propriedade ou o outro não achando que eu sou bom o suficiente para ser sapo dele. Está cada vez mais difícil a gente descobrir o que quer na vida. E Wirt ainda ficou em dúvida se eu era macho ou fêmea (aí tudo bem, o menino não tem cara de quem conhece aspectos básicos de biologia).

Quando Greg e eu estávamos saindo para procurar meias, um guarda apitou. Fomos encontrados! (Para ser sincero, estávamos no convés da balsa, nem um pouco escondidos). Como não tínhamos dinheiro, saímos correndo tentando despistar os guardas, mas não havia muitos lugares para correr. No fim, os garotos entraram em um depósito de instrumentos musicais e me usaram como disfarce para escapar, e nos juntamos à banda dos sapos.

A música começou, então improvisamos para não chamar suspeitas, mas o cabeçudo do Wirt conseguiu acertar e apagar o sapo que tocava o fagote e a tripulação ficou em polvorosa.

Pouquíssimas pessoas sabem, mas sapos amam o fagote. Não me pergunte, não sei o porquê, mas é tipo o instrumento oficial do brejo. Eu, como disse antes, sempre preferi o piano. Acho que é por isso que nunca me encaixei muito bem na escola: o piano sempre afundava na lama.

Greg e Beatrice ficaram insistindo para que o Wirt tocasse o fagote, já que ele sabe tocar clarinete e sim, são bem parecidos. Enquanto os três discutiam isso embaixo de mim, eu senti um formigamento esquisito na boca. Não sei se foi a presença de outros da minha espécie, o ar puro do rio ou o tombo que eu levei quando estávamos correndo, mas senti a minha língua soltando! Fiquei tão feliz que nem pensei duas vezes, comecei a cantar. Vou cantar para você de novo, era assim:

*À noite, quando o lago é um espelho
e a Lua leva as ondas para a margem
uma única alma começa a cantar
Satisfeito em ser abandonado
a música se sobrepõe as mentiras
varrendo tudo o que elas deixam
por cima dos vimes balança
indo aos sentimentos também
devaneios e pura emoção!
Sobre as altas montanhas
sobre os barrancos assim
perto de um riacho, uma casa é seu fim
é o seu segredo além do jardim.*

No meio da minha cantoria, nosso disfarce foi descoberto e os guardas tentaram nos prender, mas a tripulação mandou eles ficarem quietos porque estavam gostando da música. Confesso que fez um bem danado para minha autoestima, depois de tudo. A noite foi chegando e os sapos começaram a dormir no convés, mas logo chegamos em terra firme.

Era um brejo bonito, parecido com aquele onde eu moro. Havia algumas lanternas japonesas presas nas árvores e o clima estava gostoso, bem aconchegante. Descemos todos e os sapos foram afundando na lama, como de costume. Vi que os meninos e a Beatrice estranharam um pouco. Estranho é dormir numa cama de madeira, se quer a minha opinião! Imagina dormir sem lama! Por isso a pele deles é tão ruinzinha.

Decidimos passar a noite por lá antes de irmos até a casa da Adelaide. Greg ficou muito feliz e nos jogamos juntos na lama (às vezes é muito difícil não gostar desse menino).

Wirt acendeu uma fogueira e ficou falando sobre sua paixonite adolescente com Beatrice e olha, fiquei fascinado. Adoro um drama adolescente, embora não goste de admitir isso para os outros. Faz parte de manter essa fachada séria, sabe? Universitária. É difícil conquistar o respeito das pessoas.

Enquanto os meninos ainda discutiam algumas coisas, alguns Sapos vieram falar comigo. Pelo visto, tinham realmente gostado da minha música e me ofereceram um contrato musical! Até me deram meias, me trataram como um rei. Não pensei duas vezes, claro. Imagina, ter minha própria banda e viver naquele brejo gostosinho, minha mãe ficaria super orgulhosa. Mas aí, como sempre, veio o desastre: justo quando fui assinar o contrato, tropecei na meia que me deram e caí com tudo no chão, mordendo a língua. Adivinha quem ficou com a língua presa de novo? Sim, o senhor azarão aqui.

*Os sapos ficaram com pena de mim e, infelizmente, não tinha sistema de saúde ali (**defendam o SUSB! - Sistema Único de Saúde do Brejo**). No meio da confusão, percebi que os meninos tinham saído. Acho que a Beatrice saiu voando sozinha e os garotos foram atrás. Gostaria de dizer que eu fui atrás dos meninos unicamente porque eram a minha melhor chance de voltar para casa, mas eu realmente acabei me afeiçoando a eles. C'est la vie.*

*Acabei encontrando os dois um pouco mais adiante na estrada, mas nada da Beatrice. Acho que rolou alguma coisa séria, porque o Wirt estava com uma cara BEM chateada. Pelo que o Greg me disse, os dois seguiram a Beatrice até a casa da tal Adelaide, mas descobriram que era uma armação: Adelaide na verdade era uma bruxa, e queria transformar os meninos em escravos. Não era para menos que o Wirt estava tão bravo, **eu disse que não confiava nela!***

Greg por outro lado estava sentindo falta dela, e se eu entendi direito, foi graças a ela que eles conseguiram escapar da bruxa, então... estou confuso. O importante era que eu tinha conseguido encontrá-los. Greg ficou feliz também (me chamou de Benjamin Franklin, honestamente) e seguimos a estrada, sem rumo certo dessa vez.

Sexto Fragmento...

Bentinho pulou de trás de uma árvore e me deu um susto. Nunca gostei muito dele, se quer saber. Mimado filhinho de mamãe que sempre gostou de aprontar com os outros, mas não gostava nada quando aprontavam com ele. Até hoje não entendo como acabou casado com Capitu, aquela sim é uma mulher de fibra.

Ele parecia cansado, já não era mais o mesmo de sempre. Jovem para sempre, claro, reescrito para sempre como Ulisses e Dorian, mas parecia abatido. Anos, talvez, de dúvidas sobre a sua palavra o deixaram cansado e mais amargo do que já era.

Dou bom dia e pergunto se traiu ou não traiu, só pra sacanear um pouco, e ele resmunga. Convido a caminhar um pouco comigo, tenho algumas dúvidas importantes. Conto a história dos meninos e de Beatrice e peço a opinião dele sobre a situação, não sei direito o que pensar. Traição também é traição quando não consumada de fato? A redenção compensa? Ele não responde, só resmunga que tem um compromisso.

Seguimos caminho e logo à frente está o Rio Aqueronte. Caronte nos espera na margem (sim te empresto duas moedas de um morto, você me paga depois). O barco se move sozinho, não há remos visíveis em lugar algum. Na amurada do barco à minha direita, alguém riscou um “D” e um “B”, com um coração no meio. Mórvido, Dante. Muito mórvido.

Bentinho olha triste demais para o próprio reflexo na água e me lembro que o Aqueronte é o Rio das Mágoas. Vejo toda a história de Dom Casmurro no reflexo do pobre diabo, como se estivesse vendo uma adaptação do livro em uma minissérie da Globo. Pergunto se está tudo bem e ele resmunga que sim, parece um pouco arrependido.

Como uma mancha de óleo, vejo um caminho formado por coisas ficando para trás de nós: um diploma universitário, uma foto de Capitu, um paraquedas, entre outras coisas. Caronte diz que são os sonhos, desejos e deveres não realizados em vida que têm de ficar no rio e tudo bem, se faz parte do processo.

O barco dá uma guinada, olho para baixo e tudo é gelo, entramos no Rio Cócito, rio dos traidores. Percebo Bentinho olhar ávido, quem sabe procurando Capitu. Beatrice estaria aqui também? Não, não merecia, tinha boas intenções. Coloco a mão na água e o gelo me lembra do Rio que caímos, lá no início. Deixamos lá sonhos e desejos para também?

Pergunto a Bentinho como ele se sente, mas os resmungos continuam. Entendi agora o apelido carinhoso. Encosto a pata nele, em um ato de amizade, e ele se revolta completamente: grita coisas sem sentido, amaldiçoa santos e anjos e jura que não vai voltar mais. Caronte

lembra que estamos no Estige, Rio da Ira, e que promessas feitas ali não podem nunca ser quebradas. Na dúvida, permaneço calado até chegarmos ao próximo ponto.

Bentinho chora, resmunga algo sobre Escobar não saber nadar e fica todo soturno de novo. Realmente, viu? Ta aí uma criatura difícil de se gostar. Fica bem claro quando ultrapassamos o limite do rio Estige, porque o Flegetonte é todo feito de fogo. Tipo, fogo mesmo. Consigo ver algumas pessoas afundadas naquele vermelho todo, umas mais, outras menos. O guia de viagem na minha frente diz que é Rio dos Violentos, castigados eternamente em um mar de sangue fervente. Vou te dizer, esse pessoal sabe como aplicar um castigo.

Seguimos por muito tempo no Flegetonte, vi alguns rostos conhecidos, inclusive. Aos poucos, começamos a chegar no último rio. Este era menor, a água cristalina e o barco praticamente deslizava sobre ela. Inclinei-me um pouco para fora, a água chamava como um canto de sereia. Quando estava quase pulando, Caronte me puxou, fez que não com a cabeça e apontou para Bentinho: horrorizado, percebi que ele tinha se jogado na água. Quase como um peixe, nadava ao lado do barco e a carranca triste de sempre foi sumindo aos poucos.

Demorei um pouco para entender que estávamos no Lete, o rio do esquecimento. Bentinho estava voltando para um estado de felicidade que só pode ser alcançado na mais profunda ignorância, deixando tudo para trás, incluindo ele mesmo. O barco bateu na margem, Bentinho me abraçou e saiu, andando em direção a um portão gigantesco guardado por um cachorro de três cabeças. A mitologia não fazia jus ao Cérbero: ninguém nunca tinha dito que parecia tanto com um pinscher. Sempre imaginei mais como um Dobermann (embora um pinscher de trinta metros desse bastante medo).

Caronte disse que precisávamos voltar, meu lugar não era ali. Fizemos o caminho de retorno calados, passando novamente por todos os rios. Quando chegamos ao começo, Caronte me entregou o paraquedas e o diploma universitário, dizendo que ainda havia tempo. Tenho certeza de que um deles não é meu. Ou será que é? Continuo seguindo a estrada de tijolos amarelos para o próximo ponto do mapa.

Quinta-feira, 06 de novembro de 1939.

Já estávamos caminhando há algum tempo quando começou a cair uma chuva pesada que parecia que não terminaria nunca. Estávamos cansados, Greg ainda queria esperar pela Beatrice e o Wirt deu uma puxada de orelha nele. Acho até que demorou, viu, mas fiquei com dó do menino. Eu também estava sentindo falta dela.

De repente, uma árvore caiu de forma suspeita na nossa frente. Wirt olhou mais de perto e percebeu marcas de machado e então apareceu o Lenhador esquisito de novo com o mesmo papo de sempre. Blá blá a Fera blá blá tomar cuidado. Assim, enfrentamos várias coisas desde que chegamos aqui, mas nada dessa fera, então...

Ele falou algumas coisas sobre manter o coração e o espírito firmes que assim venceríamos a tal da Dona Fera e que se perdêssemos a esperança, cairíamos nas mãos dela. Wirt chutou novamente o lampião dele para longe e conseguimos fugir. Acabamos topando com um casebre velho e caindo aos pedaços e entramos lá para esperar a chuva cair.

Surpreendentemente, a casa era bem limpa e aconchegante por dentro, meio que estava na cara que pessoas viviam lá. Wirt acendeu um fogo na lareira e ficou tudo bem quentinho. Greg encontrou alguns cestos grandes de vime e estavam cheios daquelas tartarugas pretas esquisitas. Por que sempre tem que ter alguma coisa esquisita? Queria que a gente tivesse se perdido no mundo da Barbie.

Como era esperado, uma porta abriu e saiu uma menina super branca. Tipo, pálida mesmo, parecendo meio doente. Usava um vestidinho simples com um avental e um pano na cabeça, desses que as empregadas de casas de ricos usam em filmes. Acho que ela tomou um susto com a gente ali (não tiro a razão dela) e o Wirt explicou que só entramos para fugir da chuva, enquanto o Greg começou a brincar que entramos para roubar as tartarugas - invasão de privacidade e roubo! Ainda vamos parar na cadeia por causa desse menino.

A garota esquisita entendeu, enfim, a situação, mas mandou a gente se esconder porque a “tia Sussurro” dela estava voltando e não podia nos ver ali, por algum motivo (que nome esquisito). Bem na hora ouvimos passos e o trinco da porta se mexendo e nos escondemos na cesta com as tartarugas.

Foi bem a tempo. Um segundo depois ouvimos a porta abrir e passos pesados entraram na casa. A garota esquisita cumprimentou a tia e esta respondeu a chamando de Lorna. A tia tinha uma voz esquisita, grossa e baixa. Parecia um bicho se arrastando para sair de uma caverna estreita. Nesse momento entendi porque chamavam a tia de “Sussurro”.

Pois bem, a tia Sussurro perguntou se alguém tinha entrado na casa e a Lorna disse que não. A tia reforçou a pergunta indagando se ninguém seria devorado vivo naquela noite, e eu me arrepiei inteiro. **SERÁ QUE A GENTE NÃO PODIA TER UM POUCO DE PAZ NESSE LUGAR?** Que inveja me deu da Cachinhos Dourados agora.

Acho que a Tia Sussurro não acreditou nela, disse que sentia cheiro de criança em casa e tocou uma sineta, dizendo que o badalar da sineta ordenasse que ela contasse a verdade. Lorna disse para ela procurar dentro da cesta e ouvimos os passos pesados da velha vindo em nossa direção. Juro que eu estava quase desmaiando de tanto prender o ar nesse momento, mas quando achei que seríamos descobertos e devorados vivos, a tia Sussurro confundiu o cheiro dos meninos com o das tartarugas em que estávamos soterrados. Até ouvimos ela mastigando uma (eca).

A tia então disse que ia dormir e mandou a Lorna arrumar “os ossos daqueles que já foram comidos hoje”. Surpreso como lembro de cada detalhe desse dia. Talvez tenha sido o medo, ou o fato de que não estava vendo nada, então ouvi tudo com muita atenção. Só sei que lembro de cada palavra daquela tia assustadora.

Ouvimos ela subir as escadas enquanto mandava Lorna limpar o chão até brilhar, tocando aquela sineta esquisita de novo. Esperamos até ouvir os roncões da tia e Lorna disse que podíamos sair. Percebemos o quanto Lorna estava realmente doente, estava tossindo muito, enquanto varria sem parar o chão com uma vassoura de palha.

Wirt disse que ajudaria a limpar a casa e tentou convencer ela a fugir daquele lugar e da tia má, e ela gostou da ideia (acho que pintou um super clima entre os dois). Eu nunca fui muito fã de afazeres domésticos humanos, então eu e Greg ficamos brincando de esconde-esconde. Hoje ele estava me chamando de Sr. Pepino - talvez pela minha cor verdinha - e eu até gostei, bem criativo.

Acabamos ficando tão à vontade na casa, com a limpeza e a conversa que esqueci completamente a tia Sussurro. Subi as escadas para me esconder do Greg e me deparei com aquela mulher enorme deitada na cama de madeira. O quarto era todo escuro, teias de aranha para todos os lados e um cheiro horrível de mofo com tartarugas mortas. Fui saindo de fininho para não acordar a tia quando o Greg subiu todo esbaforido as escadas e fazendo um barulhão: obviamente que a velha acordou muito nervosa. Saímos correndo do quarto, mas tropecei e acabei engolindo a tal da sineta bizarra que estava no chão (até agora não sei como consegui essa proeza, quero nem ver como vai ser para sair).

A tia Sussurro desceu correndo pelas escadas atrás da gente, dizendo pra gente se afastar da Lorna ou seríamos comidos vivos. **ISSO LÁ É JEITO DE TRATAR VISITAS?** Essas

peessoas realmente precisam de umas aulas de etiqueta. Lorna correu para uma porta e disse para segui-lá. Wirt imobilizou o trinco da porta com uma cadeira de madeira que estava ali enquanto a tia continuava ameaçando a gente de morte. Estávamos mais tranquilos, até a velha dizer para abrimos a porta se não “ela” iria nos devorar e quando olhamos para trás...

Lorna tinha se transformado num monstro horrível! Estava levitando, tinha olhos esbugalhados com as íris finas, parecia olho de cobra. A boca tinha se aberto de um jeito bizarro, com dentes pontudos e espaçados, e o nariz tinha virado uma fenda (Honestamente, parecia uma versão feminina do Voldemort, o vilão do Harry Potter, sabe?)

Lorna começou a falar com uma voz demoníaca que iria nos devorar, mas conseguimos fugir pela janela. Saímos correndo pela mata escura e, sem conseguir ver direito para onde íamos, caímos em um lago. Greg disse que tinha um plano, me levantou e me sacudiu, e eu senti um formigamento engraçado na barriga. Era a droga da sineta! Quando o garoto me sacudiu e houve aquele barulhinho de sino, a Lorna-capeta parou no ar, os olhos brilhando.

Graças ao Grande Sapo que o Wirt era (um pouco) mais esperto. Me tirou das mãos do Greg e ordenou ao espírito que saísse do corpo da Lorna e não voltasse mais, e não é que deu certo? Houve um super clarão, e um fantasma saiu da Lorna e voou noite adentro. Tia Sussurro nos encontrou na grama, e disse que estava feliz por estarmos bem, mas não parecia viu. Como o espírito já não possuía mais o corpo da garota, ela não precisava mais da tia para “cuidar” dela. Mas Lorna decidiu ficar com a Tia, então deu tudo certo.

(Assim, se uma mulher doida tivesse me abusado psicologicamente a vida toda e me feito de escravo pra limpar a casa, mesmo sabendo que podia me livrar de uma maldição demoníaca quando quisesse, eu teria dado no pé no minuto que o capeta saiu do meu corpo, mas as pessoas são muito esquisitas).

Tia Sussurro ainda deu uma dica para ficarmos longe da irmã dela, A DONA ADELAIDE DO PASTO, porque era uma bruxa horrível. Se soubéssemos antes...

Os meninos continuaram caminhando no meio da Floresta escura, me carregando junto (não sei porque raios não passaram a noite na casa da Lorna, agora que já estava livre de demônios). Wirt estava bem triste e acho que estava perdendo as esperanças de voltar para casa.

Sétimo Fragmento...

Cansado já de tanto andar e começa a garoar. Corro e me abrijo sob uma grande árvore, fugindo da chuva como se não gostasse da água. Tiro o celular do bolso da calça, espera eu sempre usei essa calça? Digito a senha, chamo um Uber, por que não? Ir de carro enquanto chove não seria problema, não é? Não estaria trapaceando.

O carro chega, não sei qual é a marca, nunca gostei muito de carros, diferente dos meus irmãos. Sei que é preto e grande. Confortável. Abro a porta, sento no banco de trás, coloco o cinto de segurança enquanto dou bom dia para o motorista.

Checo se está tudo bem, olho pela janela e vejo a estrada e a chuva que agora cai forte e faz parecer que o vidro está chorando. Vejo meu reflexo, indeciso e preocupado e incomodado. O que eu estou fazendo aqui, aliás? E céus, que narigão, podia fazer uma rinoplastia.

Volto o olhar para dentro do carro, percebo que tudo é branco, com uma decoração maluca de chás e cartas de baralho. Levanto o olhar e percebo que o motorista é muito baixo, mal alcança o volante, com um cabelo muito louro e um vestido azul infantil. É Alice! Fico instantaneamente preocupado com uma criança dirigindo e ela me manda relaxar. Diz que sabe o que está fazendo.

Peço para parar e pulo para o banco da frente, não é como se fossemos estranhos. Li Alice a minha vida toda, tenho várias edições do seu livro. Dou um abraço nela, que imediatamente pisa no acelerador, ultrapassando outros carros que estavam à nossa frente. Pergunto qual é a pressa e ela diz que estamos em um racha: o coelho branco está dirigindo um carro esporte um pouco a frente e ela jura que escuta ele rindo de nós. Acho que certas coisas nunca mudam.

Pergunto se ainda tem contato com a amiga lagarta, que hoje é borboleta. É uma criatura muito sábia, aquela. Digo que poderia usar uns conselhos dela agora, e Alice desdenha, gesticulando com uma mão. “Nada que eu não possa te ajudar, cabeça de mosca”, ela diz. Pergunta qual é o problema e eu pego o mapa. Vê a estrada de tijolinhos? Foi o caminho que eu marquei da última vez que estive aqui e talvez eu tenha me perdido aqui. Por isso resolvi voltar, procurar aquela parte de mim que ficou para trás.

Alice disse que entende, claro. Mais de uma vez ela foi até o País das Maravilhas. Disse que o importante é não procurar, só deixar se levar. As coisas naturalmente aparecem desse

jeito. Dou boas risadas, queria que tudo fosse assim tão simples! Que as pessoas fossem assim tão simples!

Passamos perto da casa onde quase fomos comidos pelo demônio que possuía Lorna, e a própria acena para mim da janela. Até pensei em parar e dar um oi, mas acho que Alice me atiraria do carro antes de parar. Vejo a tia Sussurro também e me pergunto se não fui muito apressado julgando ela da última vez. Hoje um pouco mais crescido e sem o medo constante de ser devorado, vejo que as pessoas são mais profundas do que aparentam, certas ou erradas. É complicado dizer que fulano é mal e ciclano é bom, entende? Todos nós tomamos decisões das quais nos arrependemos em algum momento.

Alice concorda com meu monólogo, sem tirar os olhos do para-choque do carro da frente, mas resmunga que a Rainha Vermelha é realmente má. Dou risada de novo, pensando em alguma forma de convencê-la do contrário, até perceber que não preciso. Pergunto por que ela está perseguindo o coelho desta vez, não seria mais fácil só relaxar e aproveitar a estrada? Ela não me responde. Menina teimosa, se quer a minha opinião, mas acho que é por isso que sempre gostei dela.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Alice começa a gritar, eufórica: passamos a linha de chegada! Ganhamos do coelho! Vou cortar a pata dele e pendurar no retrovisor para dar sorte! (Finjo que não ouvi essa última parte). Vejo que a chuva parou também, posso continuar a pé daqui e evitar ser cúmplice de um crime.

Desço do carro, agradeço por tudo. Ela abre o porta-luvas, tira uma foto de Diná e uma cartola bonitinha e uma xícara lascada até encontrar o que queria. Entrega-me uma caixinha pequena, com dois bolinhos escritos “coma-me”. Ela lembra: “Um te faz crescer, o outro te faz diminuir”. Sei bem o que é e não sei se preciso disso. Ela pede para tirar de perto dela, está de dieta, então coloco nos bolsos.

Alice liga o carro, roncando o motor potente e me deseja boa sorte antes de arrancar. Sigo o meu caminho, pensando se não estaria mais perdido do que nunca depois dessa carona.

Sexta-feira, 07 de novembro de algum ano.

O frio veio com tudo. Tinha névoa por todo lado e quase não víamos nada à frente. Wirt continuava meio baqueado (não julgo o garoto, já tínhamos passado por tanta coisa). Greg meio que tomou a liderança da direção e seguimos pela mata até achar um lago. Encontramos uma casinha, dessas que eram usadas como banheiro quando as pessoas não tinham saneamento básico, e usamos como barco para chegar do outro lado.

Do nada, ouvimos alguém cantando sobre cortar lenha para fazer madeira, um estilo bem de ópera. Nada muito fora do normal, acho, mas dada as circunstâncias, achei bem bizarro. E não parecia a voz do nosso amigo Lenhador.

Enquanto o Greg divagava sobre um grilo cantando, chegamos na outra margem. O garoto era bem positivo mesmo, já estávamos andando por sei lá quantos dias procurando um caminho de volta, e ele continuava acreditando que estava tudo bem. Wirt, por outro lado, parecia estar bem derrotado. Começou um monólogo sobre como não iríamos mais voltar para casa e colocou a culpa no Greg. Achei bem complicado, considerando que ele é uma criança de 6 anos, mas o menino levou na esportiva como sempre. Achou que o Wirt estava confiando nele, sabe? Pobre garoto. Wirt deitou debaixo de uma árvore e Greg fez o mesmo, jogando um monte de folhas secas em cima de todos nós, e acabamos pegando no sono.

Tive um sonho muito estranho. Estávamos em um casamento, parecia. Muitas vitórias-régias, muitos vagalumes, um banquete de moscas - os casamentos de sapo são assim, viu? Começamos a celebração na terra e acabamos na água. Se tiver essa oportunidade na sua vida, assista a um. Havia muitos rostos conhecidos, principalmente da minha família (será que tem o sapo no jogo do bicho?). Até vi uma tia minha de muitos anos, bebendo uma caipirinha do pântano. O dia já baixava, aquelas cores douradas batiam nas árvores, no lago, nos sapos que estavam todos brilhantes demais. Percebi então que eu estava em um coreto, no meio do lago, e havia outros sapos comigo, e vários instrumentos. Fazia parte da banda! Fiquei muito feliz, do mesmo jeito que me senti quando atravessamos o outro lago com os sapos de barco.

E foi aí que, quando abri a boca para começar a cantar uma música alegre, não saiu minha voz. Era a minha boca, era o meu corpo. Era minha família ali, embora não tivesse reconhecido os noivos ainda. O brejo era onde eu morava, tudo estava certo, menos a minha voz: grossa, alta, amedrontadora. Cantava uma ópera esquisita, sobre cortar lenha e fazer madeira. E fazer parte de uma Floresta. Embora fosse eu cantando, senti minha pele toda arrepiada com aquilo, não devia ser um bom sinal. E não conseguia parar de cantar!

Enquanto cantava, o coreto se aproximava mais da beirada do lago, próximo aos convidados, e eu conseguia ver melhor seus rostos: meus pais estavam ali, alguns primos, vários amigos. Até alguns novos conhecidos, a Taberneira que era a cara da Betty Boop, o Lenhador, o cavalo Fred. Lorna e sua tia Sussurro estavam ali também, e uma humana que parecia muito, mas muito com a Beatrice. O coreto começou a acelerar mais, como se fosse um barco a motor pelo lago, e eu percebi que atrás dos convidados havia uma mata fechada, e uma sombra grande se movia de um lado para o outro entre as árvores, como um animal selvagem pronto para pular.

O coreto atracou, enfim, na margem do lado, afundando na lama como tudo que cai no brejo, e vi que todos ali estavam tristes, abalados. Alguns vestiam preto. Foi quando caiu a ficha de que eu estava em um velório - que realmente é muito parecido com um casamento, embora mais raros: geralmente os sapos morriam sendo comidos por outros bichos.

Fui perguntando para todos de quem era o velório, mas ninguém me respondia, parecia que ninguém me via! Fui pulando mais próximo de onde havia mais pessoas e percebi que estavam em volta de algo... um caixão! E dentro do caixão, eu! O caixão era a mesma casinha que usamos como barco antes de cair no sono, estava cheia de tartaruguinhas pretas e no meio, deitado segurando um fagote no peito, eu.

Assim, não sei se você já sonhou com a sua própria morte/velório, mas é uma coisa muito esquisita. O caixão estava em cima de um barquinho, provavelmente seria empurrado no lago, como é o nosso costume. Dos lados, foi construído um altar de madeira que, na verdade, chegando mais perto, vi que eram duas árvores e uma delas tossia. Quando olhei para cima, era o rosto do Greg! E a outra árvore era o Wirt, com uma feição desolada. Virei aterrorizado para os sapos atrás de mim, para pedir ajuda por eles, mas ninguém me respondia, ninguém me via.

Antes que eu pudesse tomar qualquer outra providência, anoiteceu. A Lua bateu no lago, duplicando sua forma, trazendo junto a Noite. Percebi que eu não tinha parado de cantar nem por um momento aquela música sombria e quando finalmente parou, reinou um silêncio estranho por alguns momentos. A Sombra que se movia no meio das árvores também tinha parado, e se aproximou do lago. Soltou um uivo, como de um lobo, muito alto e triste, como se sentisse falta da luz. Eu entendia, claro. A luz podia destruí-la, mas também era quem a originava.

Quando terminou o grito triste, a Sombra se empertigou toda, como um felino enorme, e se jogou diretamente na minha direção.

Oitavo Fragmento...

Como seria ser um menino de verdade? Se até o Pinóquio conseguiu, e era feito de madeira! Percebo como a estrada está chegando ao fim, apenas mais um ponto do mapa. Fez realmente bem reviver essas memórias todas, achou o que estava procurando? Não sei dizer.

Lembro da última vez que passei aqui, com os meninos. Era inverno, o lago tinha congelado, fazia muito frio, uma nevasca horrível. A casinha que usamos como barco estava ali no canto, agora convertida em um vaso de flores. Isso me fez pensar no sonho, no caixão, na sombra em forma de felino. Greg me disse, tempo depois, que teve um sonho muito esquisito também: tinha ido até à Cidade das Nuvens!

Enfrentou o vento norte, um cara da pesada, e conseguiu prendê-lo em um potinho. Então a Rainha das Nuvens apareceu e disse que iria conceder um desejo a ele, em agradecimento. Greg pediu para que nós pudéssemos voltar para casa, mas ela respondeu que só poderia mandar ele de volta, porque o Wirt já tinha desistido a esse ponto. Foi quando o Greg pediu que trocassem de lugar, que salvasse o Wirt e ele ficasse ali, no Desconhecido com a Fera.

Divagando entre realidade e fantasia, percebo que um Grilo pousou no meu ombro. Estranho que o meu primeiro instinto não tenha sido de comê-lo, afinal estou faminto. Mas alguma coisa me diz que eu prefiro comer hambúrgueres agora, não insetos. O grilo diz oi, puxa uma sombrinha como se fosse Mary Poppins e plana até o chão. Parece tremendamente ofendido comigo, então pergunto o que houve.

Ele diz que esteve no meu ombro o caminho inteiro, desde que saí de casa com o mapa. Quis tentar fazer uma surpresa, mas eu não o tinha notado até então. Pedi desculpas, você entende, vi tanta gente desde que cheguei aqui e tanto para se pensar. Pergunto o que veio fazer aqui, afinal, e ele diz que procura a Fada Azul. Aparentemente, Pinóquio mentiu horrores depois de aprontar uma e voltou a ser de madeira, única condição para manter sua humanidade. Talvez a Fada possa resolver, ainda mais agora que o Gepetto não está mais vivo. Já era velho, coitado, é verdade, mas Pinóquio deve estar arrasado. O Grilo diz que foi aí que começaram as mentiras, na verdade. Pinóquio teve de resolver todas as questões legais da morte do pai e é difícil alguém acreditar que ele antes era um brinquedo e depois virou humano. Mais fácil mentir, mesmo.

Digo ao Grilo que podemos procurar a Fada juntos, tenho a leve desconfiança de que é a mesma que apareceu para o Greg naquele sonho estranho. Seguimos caminho.

O Grilo diz que eu mudei. Vejo, agora, que não pareço com um sapo. Tenho mãos, pernas, tronco e cabeça humanos. A pele bronzeada depois de ter andado tanto no sol, e tudo parece tão normal. Talvez eu nunca tenha sido sapo, não lembro de já ter comido moscas. Talvez tenha sido um sonho, então me belisco para ter certeza.

Dói, então não é sonho. Mas eu devia ter me beliscado antes, quando era sapo, agora já não resolve. Conto ao Grilo o sonho que tive aqui, da última vez. Ele ouve com atenção, mas me diz para não grilar com isso. Diz que os sonhos nada mais são do que mensagens do subconsciente, confusas e misturadas. Fico me perguntando como eu me sinto em relação à sombra.

Chegamos ao final da estrada, já não há mais tijolinhos à nossa frente. Sentada em cima de um tronco de árvore cortada, está a Fada que também é a Fera. Dois lados de uma mesma moeda. Despeço-me do Grilo, que vai com a Fada. O meu compromisso é aqui, com a Fera. Nos cumprimentamos, com um aceno de cabeça, e seguimos a caminhada juntos, para dentro da Mata.

Sexta-feira, 08 de novembro de ????.

Acordei aterrorizado no colo do Wirt, no meio de uma nevasca. A imagem da Sombra ainda estava nítida na minha mente, embora o sonho escapasse pelas minhas membranas dos dedos como se fossem espumas do mar.

Acho que Wirt estava procurando pelo Greg, que tinha sumido enquanto dormíamos, e a Beatrice estava conosco de novo! Encontramos o garoto junto ao lampião do Lenhador, todo enrolado em galhos, cuspidando folhas (ele tinha comido algumas). A Fera o estava transformando em uma árvore de Edelwood!

Greg disse que tinha ganhado da Fera, não sei o que houve. Disse também que era culpa dele estarmos presos no Desconhecido, porque tinha roubado uma pedra do quintal de alguém. Enquanto Wirt tentava tirar a árvore que crescia em volta dele, ouvimos um baque surdo atrás de nós, era o Lenhador e... a Fera!

Não conseguimos ver direito por causa das sombras, mas era alto, bem alto. Parecia bem magro também, com chifres longos parecidos com galhos saindo da cabeça e grandes olhos brancos e vazios que iluminavam um pouco a escuridão. Tinha uma voz grossa, e pude perceber que era ele quem estava cantando mais cedo.

A Fera jogou o corpo do Lenhador na neve e mandou que entregássemos o Lampião, Wirt foi contra, disse que precisava dele, e a Fera ofereceu para ele o serviço do Lenhador como Portador do Lampião: a Fera colocaria a alma do Greg para queimar, viva, dentro do lampião e o Wirt teria que manter ele sempre aceso. Wirt estava aceitando o trabalho, quando percebeu que era uma completa burrice.

O menino foi corajoso, viu? Enfrentou a Fera, dizendo que não fazia o menor sentido o que ele estava propondo e entendeu que devia existir algum motivo pelo qual a Fera queria manter o lampião aceso. Menino, do nada ficou tudo um breu! Assim, já estava bem escuro, mas ficou ainda mais escuro: não dava pra ver absolutamente nada à frente, apenas o lampião aceso nas mãos do Wirt e os olhos da Fera, que de repente ficaram iguais ao daquele cachorro que nos atacou na casa do Lenhador.

Wirt desafiou a Fera e quase apagou a chama do Lampião e a Fera retrocedeu. O garoto entregou o lampião para o Lenhador e pegou o Greg dizendo que iria voltar para a casa. Também entregou uma tesoura para a Beatrice poder voltar a ser humana e ajudar a sua família. Entramos na escuridão.

Acordamos em um hospital. Wirt ainda estava bem baqueado, mas eu e Greg nos levantamos e vimos que tinha um monte de crianças ao nosso redor, usando roupas muito mais

esquisitas do que as dos meninos. Tinha completamente esquecido que era dia das bruxas, não devia ter julgado tanto...

Uma sapa enfermeira conseguiu soltar a minha língua (literalmente, não pensa besteira) e me deu uma meia e um chapéu engraçado que encontrou na seção de achados e perdidos.

Voltei para o quarto e percebi que o Greg estava contando a história toda para as crianças e disse que eu me chamava Jason Funderberker. Foi quando eu cortei ele, não dava mais. Expliquei que na verdade eu sou uma criatura pensante e inteligente, e que não foi nada legal ele ter me sequestrado daquele jeito e me levado para aquele lugar.

O menino ficou branco! Começou a me pedir um monte de desculpas, enquanto chorava e gritava “Eu sabia que você era especial”. No fim, desculpas aceitas, os garotos são legais, apesar do sequestro, e tivemos uma baita de uma aventura. Wirt é um menino todo esquisito, mas gentil, e o Greg é uma fofura sempre de bom humor, é muito difícil não gostar dos dois, se quer saber.

Parecia que tudo tinha acabado, enfim, mas eu ainda precisava ir para casa. Chamei o Gregório num canto e perguntei se ele podia me deixar no meu brejo na volta, minha mãe devia estar preocupada, coitada. Sempre foi uma sapa de coração fraco (e língua comprida, mas se alguém me dedurar, eu nego que contei).

Estávamos arrumando as coisas todas para ir embora, quando eu vi um piano no canto e não resisti. Sentei no banquinho, meus pés mal alcançavam o chão, e comecei a cantar:

*“Guiados pela névoa
sob a luz suave da lua
tudo o que foi perdido é revelado
nossos longos fardos pesados
meros ecos da Primavera
mas de onde viemos
e onde vamos parar?
se os sonhos não podem se tornar realidade
Então porque não fingir?
oh, como o vento suave
acena em meio às folhas
enquanto as cores do outono caem
dançando em um redemoinho
de memórias de ouro
as mais belas mentiras de todas
as mais belas mentiras de todas”*

Último Fragmento...

Seguimos, a Fera e eu, mata adentro por alguns momentos. Aos poucos, a floresta e a estrada atrás de nós iam se esfacelando, ficando brancas e amarrotadas como papel velho. Aos poucos, o caminho à frente também ia se desmanchando e anoitecendo, ficando apenas uma pequena trilha de terra e um lampião que nos guiava pela escuridão.

A Fera ao meu lado começou a atrair pontos de luz, espalhados nos galhos da cabeça como pisca-piscas de natal. Perguntou o que eu tinha achado da estrada, se a companhia era boa, se eu já estava pronto para ir embora. Devia ter notado minha cara triste, porque também perguntou qual era o problema.

Antes eu dizia que o começo era o problema, lembra? Mas só porque eu não tinha chegado ao final ainda. O final é difícil, dolorido. Não é fácil ir aos poucos soltando as personagens, deixando os lugares para trás. Aos poucos, tudo que foi montado aqui para esse caminho vai ser finalizado. Eternamente montado exatamente para esse caminho.

Vê como o sapo ficou para trás? Um pedaço de cada vez, ficando longe, não conseguiria chegar ao final, entende? Não tinha forças para aguentar isso tudo. O corpo era muito pequeno e o raciocínio muito limitado, não entenderia. Sou eu que preciso estar aqui, para fechar tudo.

No final do caminho, uma porta. Aqui termina, já não faz sentido continuar. Alguns poderiam ser reescritos, houve várias falhas é claro, mas o tempo era curto. Eles tinham que nascer do jeito que dava porque precisavam sair, estavam prontos e afoitos demais. Prematuros demais. Mas me sinto mal pelo Sapo, teve um propósito tão vazio, só nos trazer até aqui. Assim como Greg, realizando todas aquelas tarefas impossíveis para se distrair do inevitável. Mas ele sabia, acho que sempre soube.

Abraço a Fera como boa amiga que é. Ela me entrega um papel, um mapa novo, caso queira voltar uma terceira vez. Sorrio, agradeço e abro a porta, pronto para pensar em todas as referências que tenho que escrever.

Amáveis mentiras que são.

REFERÊNCIAS

Livros:

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: Inferno**. Tradução de Xavier Pinheiro, introdução de Otto Maria Carpeaux. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução de Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOSI, Alfredo (org.). **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. 15ª reimpressão. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Contos Fantásticos do século XIX**. Vários tradutores. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações de John Tenniel; tradução e posfácio de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015.

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. Tradução do alemão e posfácio de Modesto Carone. 16ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994;

MACHADO, Assis. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

POE, Edgar Allan. **O retrato oval**. Tradução de Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. 4ª ed. Lisboa: Leya, 2011.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: L&PM, 2001.

Filme:

Over the Garden Wall (2014).